

## SEGUIR A SUA ESTRELA

“Onde está o rei dos judeus, que acaba de nascer?  
Nós vimos a sua estrela no Oriente  
e viemos para adorá-lo”

(Quinta parte de uma série)  
Prot. N. 00019/06



6 JANEIRO 2006

Estimados irmãos e irmãs,

### Viver na periferia

1.1 Ao descrever sua vocação profética, Isaías não fala daqueles a quem se opõe, mas dos que ele acolhe: “O espírito do Senhor Deus está sobre mim ...me ungiu... enviou-me para dar a boa-nova aos humildes, curar as

feridas da alma, pregar a redenção para os cativos e a liberdade para os que estão presos” (Is 61,1). O profeta se compadece daqueles que estão abandonados pelos que governam: “em lugar da vergonha dobrada e dos insultos e escarros que lhes tocaram, receberão na sua terra uma posse dupla e será duradoura a sua alegria” (Is 61,7).

Aproxima-se com esperança daqueles que os sacerdotes não tocam: “E vós sereis chamados sacerdotes do Senhor, ministros do nosso Deus” (Is 61,6).

Em Lucas (Lc 4,17 e seguintes) Jesus usa este texto para descrever sua vocação profética. Imediatamente após ser batizado por João, no rio Jordão, Jesus vai ao deserto, onde, de maneira clara e forte, rejeita um apostolado fundado no poder que desapropria os outros. Inicia o seu ministério público na Galiléia, uma

região abandonada pelos líderes políticos e entre a gente desprezada pela elite religiosa de Jerusalém, comprometida com o paganismo. Entre os seus colaboradores mais próximos estavam os pescadores, um publicano e um zelota. A missão de Jesus era direcionada para os que estavam às margens da sociedade, na expressão tanto social quanto religiosa:

- “Por que vós comeis e bebeis com os cobradores de impostos e os pecadores?” (Lc 5,30);
- “Se este homem fosse um profeta, saberia que tipo de mulher está tocando nele, pois é uma pecadora” (Lc 7, 39); e
- “Quando deres uma festa, convida os pobres, os aleijados, os coxos, os cegos” (Lc 14,13).

Jesus acolhe aqueles que estão fora das instituições religiosas do seu tempo.

1.2 A gente da periferia - que está às margens da sociedade - teve um papel significativo no VII Conselho Plenário. Frequentemente este Conselho nos convida a nos identificarmos com aqueles que são os excluídos da nossa sociedade civil (cf. proposições 6, 25, 30, 46, 48 e 49). Deste modo, o VII Conselho Plenário conclama a nos identificarmos com os pobres do V e VI Conselho Plenário. Mas de igual importância são os que estão na periferia da Igreja, isto é, aqueles que a Igreja não atinge de modo adequado. São as pessoas que o recente Sínodo dos Bispos indicou com força especial. O Instrumentum Laboris do Sínodo (A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja) cita as seguintes estatísticas que ressaltam a necessidade de redescobrir a nossa vocação profética e dirigir-se rumo àqueles que estão na periferia ou são excluídos da Igreja:

- Os católicos representam 16,89% da

Carta circular n.º 25



população da África e somente 2,93% da Ásia. A mensagem evangélica de salvação não atinge a grande maioria da população africana e asiática. O percentual dos católicos na América continua muito alto, com 62,46%, mas a vida da Igreja se encontra em grandes dificuldades por causa dos flagelos da injustiça social e das seitas religiosas, que exploram a população mais pobre.

- As sociedades mais ricas da América do Norte, da Europa Ocidental e da Austrália têm um percentual rapidamente crescente de pessoas que não vão a nenhuma igreja e com uma freqüência à missa festiva reduzida a até 5% algumas igrejas locais.

A Igreja tem um influxo mínimo em outras significativas situações da vida do nosso mundo. Consideremos, por exemplo, as seguintes observações:

- “A idéia da globalização dá a ilusão de uma raça humana unida...[mas] a globalização e o progresso tecnológico não trouxeram mais paz, nem maior justiça ...;
- Ações de violência, de terrorismo e de guerra continuam em várias partes do mundo;
- Muitos irmãos e irmãs... são vítimas da AIDS, que devasta setores inteiros da população, especialmente nas regiões mais pobres; e
- Nos anos 1999-2001 havia no mundo 842 milhões de pessoas subnutridas, 789 das quais nas nações em via de desenvolvimento, especialmente na África subsaariana, na Ásia e no Pacífico”.

Estes são dados e percentuais que é difícil “serem ouvidos” numa página escrita, porém nos mostram um quadro que nem a Igreja, nem nossa Ordem pode ignorar. Paremos aqui um instante e tentemos visualizar esta realidade em nossa imaginação. Reflitamos com atenção sobre estas realidades. E certamente mudaremos.

1.3 Nos primeiros anos de 1800, a Ordem – e a vida consagrada em geral – emergia de um período de crise e de declínio, provocado pelo Iluminismo e pela supressão da vida religiosa em muitas partes da Europa. A retomada foi caracterizada por um novo impulso e zelo missionário que não se limitou a alguns poucos missionários, mas que se tornou interesse central

e mobilizou a Igreja toda. Esta nova energia animou a Igreja por mais de cem anos, até à metade do século XX. Este zelo missionário centrou-se na expansão das estruturas da Igreja no mundo. Entre os Institutos de vida consagrada, foram as Congregações de vida apostólica que caracterizaram o novo período. Para participar de modo pleno neste esforço missionário da Igreja, a Ordem Capuchinha assumiu muitas características das Congregações de vida apostólica. Pela primeira vez começou a assumir compromissos institucionais na Igreja. A Ordem aceitou a sua primeira paróquia nos Estados Unidos durante a primeira metade do século XIX. Ao final do século estava assumindo a responsabilidade de inteiras Prefeituras e Vicariatos através do *ius commissionis*. Os resultados foram verdadeiramente espetaculares. A Ordem fundou dezenas de igrejas locais em todo o mundo. O impulso missionário trouxe também nova vitalidade à Ordem que aumentou de pouco mais de 4.000 membros no início do ano 1800 para quase 15.000 cento e cinquenta anos depois.

1.4 O zelo missionário dos últimos cento e cinquenta anos criou um papel institucional para a nossa Ordem na Igreja. A nova evangelização, ao invés, visa chegar até os excluídos da Igreja, aqueles que a instituição não atinge. A nova evangelização nos impulsiona a dar renovada importância aos aspectos carismáticos e proféticos da vida franciscana. O VII CPO expõe princípios que definem a nossa minoridade na Igreja, de modo que possamos “realizar progressivamente (passo a passo um deslocamento significativo rumo à periferia da nossa sociedade atual, onde desejamos armar as nossas tendas entre os menores de hoje como fizeram Jesus, São Francisco e os primeiros capuchinhos no seu tempo ” (VII CPO, 3).

“Passo a passo... rumo à periferia”  
(VII CPO, 3)

2.1 O Conselho Plenário nos convida a avaliar e reduzir nossos compromissos institucionais na Igreja. “A nossa Ordem não procura para os seus membros o episcopado ou outros encargos eclesiais elevados” (VII CPO, 41). Do tempo de São Boaventura em diante os papas chamaram



alguns dos nossos frades a servir a Igreja como bispos. Estes frades responderam ao chamado do papa em espírito de obediência à Igreja. No entanto, a Ordem não busca estes encargos. Isto não é falta de respeito para com o serviço de bispo antes, uma orientação, lembrando que a nossa missão na Igreja está em outro lugar. No período logo antes do Vaticano II a Ordem assumiu a responsabilidade de Paróquias e Vicariatos. Isto comprometeu a Ordem diretamente no carisma episcopal da Igreja. Hoje as necessidades da Igreja nos interpelam a reavaliar tais empenhos. Do mesmo modo, o Conselho Plenário nos recomenda que “é bom assumir só por tempo limitado responsabilidades como paróquias, serviços diocesanos e outros compromissos que induzem à estabilidade” (VII CPO, 39). E a mesma proposição exprime a preferência que “se assumam o serviço da ação evangelizadora e pastoral mais no sentido da colaboração com a igreja diocesana, evitando sempre o sentido de poder e de apropriação”. A Ordem procura reduzir os seus compromissos institucionais para poder exprimir mais livremente a sua função carismática na e pela Igreja. A Ordem busca esta transformação não porque se oponha a tais empenhos, mas para poder melhor satisfazer as necessidades da Igreja. Por isso, embora aconselhando uma diminuição dos compromissos paroquiais ou de outro gênero nas dioceses, a proposição atinge uma orientação de equilíbrio: “considerando as circunstâncias”. O nosso objetivo é edificar a Igreja e não destruí-la!

2.2 Outras duas proposições buscam endereçar-nos novamente rumo àqueles que estão excluídos da Igreja. A proposição 38 nos exorta a nos manter “sinceramente disponíveis a servir a Igreja local e universal, agindo em concórdia com os pastores”. Não obstante isto, a mesma proposição procura induzir o zelo apostólico dos frades, encorajando-os a assumir “os encargos pastorais de fronteira, os ministérios menos procurados na Igreja e nas periferias, ou seja, lá onde podemos manifestar melhor a compaixão e a proximidade: sejam paróquias de periferia, capelanias de hospitais, assistência aos doentes e ao mundo das marginalizações entre as velhas e novas pobresas”. A proposição 37 acrescenta duas importantes orientações. Antes de tudo, destaca a necessidade de alargar nossa visão

da evangelização: “As circunscrições, portanto, na escolha das atividades e dos serviços, devem incluir também aqueles ministérios que não requerem a ordenação sacerdotal”. Aqueles que estão excluídos da Igreja [cf. parágrafo 1.2, mais acima] não respondem às estruturas institucionais da Igreja. Frequentemente são impermeáveis ao ministério sacramental da Igreja. Conseqüentemente, a Ordem deve buscar não somente dar espaço ao especial carisma dos nossos frades religiosos, mas também dar uma expressão mais ampla aos ministérios não sacramentais dos nossos frades sacerdotes. Além disso a proposição afirma que “a missão de nossa Ordem deve exprimir a índole fraterna do nosso carisma”. A fraternidade – que é o evangelho vivo – é dimensão essencial do nosso ir ao encontro dos excluídos. A Ordem deve formar fraternidades evangélicas entre os que estão nas periferias!

2.3 Fundamentando-se no Testamento de Sena, o Conselho Plenário afirma: “Reconhecemos como expressão essencial da nossa minoridade a obediência cordial e co-responsável à Igreja e aos seus ministros”(VII CPO, 38). Isto é importante em todas as áreas da Igreja, mas tem importância especial nas Igrejas mais antigas, onde as estruturas diocesanas são difíceis devido ao clero em diminuição ou com idade avançada ou ainda por compromissos mais adequados em outro período histórico e onde é freqüente o cinismo causado por escândalos. Quando falamos dos pecados, das divisões e das fraquezas dos outros, nos sentimos sempre capazes de boa intuição e corretos nos juízos, pois podemos sempre ver melhor os pecados dos outros mais do que os nossos próprios. No entanto, somente se concentrarmos nossa atenção sobre o que encontramos Cristo, coração da nossa comunhão. Não deveremos aplicar este princípio em nossas igrejas locais. Busquemos o que é bom e encontraremos. Na igreja local descobriremos aspectos nos quais poderemos colaborar. O nosso compromisso em ir às periferias não está em oposição com a igreja local, ao contrário, constitui um esforço em servir ainda mais fielmente esta mesma igreja.

2.4 Ainda que a proposição n. 4 fale principalmente daqueles lugares onde formos



implantar a Ordem e ajudar a formar a igreja local, ela indica sugestões muito concretas que se aplicam igualmente onde buscamos reconstituir a Ordem e evangelizar novamente a Igreja Local propondo que:

- se evite todo sinal de poder e de status social no nosso modo de viver, evangelizar e ajudar;
- se trabalhe preferencialmente com métodos e meios do lugar;
- se promovam os vários projetos em nome da comunidade capuchinha e não em nome pessoal;
- se utilizem os critérios da economia fraterna já indicados pelo VI CPO para as doações recebidas para as missões.
- se favoreçam aquelas igrejas locais que esperam de nós não tanto uma grande estrutura pastoral ou social mas sim o testemunho franciscano (VII CPO, 40).

### Montar nossas tendas entre os menores de hoje

3.1 A missão profética de Jesus não se refere àquilo que ele abandonava, mas quem ele queria acolher! O Conselho Plenário nos interpela e nos desafia a buscar e a acolher em nosso empenho pastoral aqueles que a Igreja institucional não tem condições de atingir [cf. parágrafo 1.2, acima]. Ele enuncia princípios em coerência com a nossa tradição franciscana capuchinha, que nos podem ajudar a repensar os nossos compromissos na Igreja e na sociedade. Entretanto o Conselho Plenário é muito fraco quando se trata de especificações! Como podemos fazer para atingir os excluídos do nosso mundo? Poderemos começar delineando os “passo a passo” e realizar “progressivamente... um deslocamento “significativo” rumo à periferia... onde desejamos armar as nossas tendas entre os menores de hoje, como fizeram Jesus, São Francisco e os primeiros capuchinhos no seu tempo”(VII CPO, 3)?

3.2 Durante uma recente reunião da CCMSI (Conferência Capuchinhos Superiores Maiores da Índia), os ministros provinciais discutiram uma estratégia pastoral para esta importante Conferência da nossa Ordem. Cada Província aceitou assumir um tríptico compromisso

missionário. Um destes compromissos será uma região da Índia onde a Ordem ainda não existe e onde a presença da Igreja é fraca. Existem muitas regiões assim, especialmente no nordeste. São regiões de primeira evangelização. Depois, cada Província assumirá um compromisso em outra nação da Ásia ou da África. Enfim, cada Província assumirá um compromisso para ajudar as antigas Províncias da Europa e dos Estados Unidos que estão em dificuldade devido à idade avançada e a diminuição das vocações. Se estas Províncias e, em especial os frades jovens destas Províncias assumirem tais serviços com coragem e entusiasmo, isto representará um considerável deslocamento rumo à periferia.

3.3 A Vice-Província da África do Sul elaborou um novo projeto pastoral denominado “A Iniciativa Damietta” (“The Damietta Initiative”). Inspirados no encontro de São Francisco e o Sultão, os frades da África do Sul querem construir “células de diálogo” entre cristãos e muçulmanos para aumentar a paz e a compreensão na África. O diálogo que eles buscam não é teológico, mas espiritual e existencial. Buscam unir cristãos e muçulmanos que vivem na mesma região pelo cultivo da amizade e estima recíproca. A Conferência da Família Franciscana – que reúne os Ministros Gerais da Primeira Ordem, da Terceira Ordem Regular, da Ordem Franciscana Secular e o Presidente da CIF-TOR – aceitaram patrocinar e apoiar esta nova iniciativa. Os frades da África do Sul têm um plano ambicioso, ou seja criar uma “célula de diálogo” entre cristãos e muçulmanos próxima a cada fraternidade franciscana na África! Se consideramos a violência que recentemente explodiu na periferia das cidades francesas e conhecendo o mesmo potencial de uma semelhante violência presente em outras grandes cidades da Europa e dos Estados Unidos, compreendemos bem facilmente que a “Iniciativa Damietta” poderá ter importância também fora da África. Esta “Iniciativa Damietta” é uma expressão criativa e concreta do VII CPO: “desejamos viver entre os pobres sem distinção de religião; dialogar com as culturas, religiões e confissões; inculturar o Evangelho ” (VII CPO, 47).

3.4 “A nossa pregação do Reino é constituída não só pela proclamação verbal da Palavra mas também pelo envolvimento na sociedade



em vista de sua transformação” (VII CPO, 48). No próximo mês de março, 53 delegados de todas as regiões de nossa Ordem se reunirão em Porto Alegre – Brasil, para a terceira de uma série de iniciativas assumidas pela Comissão de Justiça, Paz e Ecologia. Em toda a Ordem, mas especialmente na América Latina, a identificação com os pobres inspirou gerações de capuchinhos. O VII CPO oferece princípios que podem renovar este movimento na Ordem: “As nossas obras de desenvolvimento e de transformação social deveriam constituir também na sociedade uma realidade de economia fraterna” (prop. 51). Esta é precisamente a finalidade do Congresso em Porto Alegre. “É importante que as ajudas dirigidas aos pobres tenham o objetivo de promover o encontro das pessoas que estão em necessidades e as pessoas que têm recursos” (prop. 51). A solidariedade que criamos é mais importante do que o dinheiro que damos! Pode esta convicção tornar-se princípio transformador para os nossos compromissos estruturados entre os pobres e para os nossos esforços em ajudar nas ocasiões de calamidades como a ajuda concreta após o tsunami do ano 2004?

3.5 “Como frades menores, sendo pobres e tendo escolhido os pobres, devemos envolver-nos mais ativamente no desenvolvimento social e espiritual dos pobres e dos marginalizados” (VII CPO, 48). Nossa Ordem não tem recursos para eliminar a fome no mundo ou para assistir às milhões de pessoas afetadas pelo vírus da HIV/AIDS. Entretanto, exatamente como a “Iniciativa Damietta” procura criar um grupo de diálogo entre cristãos e muçulmanos próximo a cada fraternidade franciscana na África, cada Província da nossa Ordem não poderia procurar ao menos ter uma fraternidade, na qual os frades servem com as próprias mãos aqueles que têm fome ou os que são atingidos pelo HIV/AIDS? Esta atitude tornará “significativa a nossa solidariedade com os menores da sociedade, cuja miséria degrada a sua humanidade a ponto de comprometer o senso moral” (VII CPO, 48).

3.6 Uma iniciativa somente não possibilitará nossa Ordem de levar adiante a força transformadora do Evangelho na periferia da sociedade. O Conselho Plenário sabiamente fala de “passo a passo”. Se mais de 11.000

frades, presentes em 103 nações, começarem cada um a refletir e a projetar este “passo a passo”, todos juntos poderemos realizar um “deslocamento significativo” rumo à periferia.

“Cristo, cabeça, que se inclina...”  
(fr. VII CPO, 35)

4.1 O VII Conselho Plenário da Ordem identifica a construção do Reino com a construção da fraternidade: “A pobreza, a minoridade e a itinerância... são meios que apontam para o nosso fim, ou seja, a construção do Reino de Deus, ou, falando em linguagem franciscana, a construção de uma irmandade onde quer que estejamos e sempre” (VII CPO, 4). Na fraternidade a nossa identidade e a nossa missão tornam-se uma coisa só! Talvez isto explica a especial concepção do sacerdócio em nossa Ordem, expressa pelo Conselho Plenário.

4.2 “O franciscano sacerdote vive o próprio ministério honrando o primado da pertença à fraternidade” (VII CPO, 36). Esta declaração adquire um novo significado se nós a lermos contextualizando-a com Hb 5,1: “Todo o sumo sacerdote é tirado do meio dos homens e instituído em favor dos homens nas coisas que se referem a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados”. O autor da Carta aos Hebreus não fala diretamente do sacerdócio ministerial, mas do sacerdócio de Jesus Cristo e do sacerdócio da Igreja. A Igreja aplica este passo ao sacerdócio ministerial. Isto é importante pois todos os sacerdotes participam do único sacerdócio de Jesus Cristo, porém é um sacerdócio que eles recebem através do Seu Corpo, a Igreja. A Igreja universal não existe abstratamente. Ela existe como comunhão das comunhões. Conseqüentemente, recebemos o sacerdócio através da igreja local. O sacerdócio assume as características da igreja local, por meio da qual o mesmo é recebido. Quando emitimos a profissão, o Ministro Provincial que recebe os nossos votos pronuncia estas palavras: “Em nome da Igreja e da nossa fraternidade eu aceito os teus votos” Reconhecendo a nossa profissão na Ordem Capuchinha, a Igreja dá especificidade ao nosso viver o mistério da Igreja. Ordenando sacerdotes na Ordem Capuchinha a Igreja sela uma expressão franciscano-



capuchinha do sacerdócio de Jesus Cristo.

4.3 A vida fraterna evangélica é o nosso modo de encarnar a Igreja. Os franciscanos criam Igrejas introduzindo as pessoas na experiência da fraternidade. Ser irmão é a característica principal do franciscano e do sacerdote franciscano. Os capuchinhos devem manifestar ao mundo o rosto fraterno do sacerdócio porque somos chamados a ser “frades do povo”.

4.4 “O franciscano sacerdote vive o próprio ministério honrando o primado da pertença à fraternidade”. Existe ainda outra dimensão deste princípio. A vida fraterna evangélica é a minha expressão de ser igreja. Se o frade sacerdote não está inserido na comunidade eclesial que é a fraternidade local, pode ser um adequado ministro do seu povo? É uma realidade que consta no Atos dos Apóstolos, capítulo 18, onde encontramos a misteriosa figura de Apolo. Apolo chegou à fé em Jesus lendo a Escritura. Era um homem de cultura, muito versado na filosofia grega. Era eloqüente, um pregador mais dotado do que Paulo. No capítulo 18 dos Atos, ele prega em Éfeso e cria grande sensação. Mas o texto nos diz que dois simples cristãos, Priscila e Áquila o escutam, depois o chamam à parte e lhe expõem o caminho de Deus “com mais exatidão” (At 18, 26). Não foi o culto Apolo que instruiu Priscila e Áquila, mas foram eles que instruíram Apolo. Não foi suficiente ser muito versado em teologia e filosofia. Apolo deveria ter ainda um contato vivo com a Igreja. Não temos também nós alguns “Apolos” entre nós, frades muito versados em teologia, filosofia, ciências, com uma maravilhosa eloqüência? Mas eles podem realmente comunicar a fé, se não estiverem em vital contato com a viva experiência da Igreja nas suas fraternidades locais?

4.5 O lava-pés, capítulo 13 de São João, é a imagem preferida do Evangelho, citada por Francisco, quando descreve como os frades devem servir um ao outro. Este foi o texto da escritura que ele pediu que lhe fosse lido quando estava estendido nu, sobre a Mãe Terra e se preparava para encontrar a Irmã Morte. Os primeiros doze capítulos do Evangelho de João evidenciam duas imagens importantes: a vida e a luz. Do capítulo 13 em diante é o amor que

predomina. Dois símbolos dão vida ao amor: a cruz e o lava-pés. Os comentários nos dizem que tais símbolos, na realidade são um só. Com o lava-pés João orienta à Igreja como oferecer ao mundo a força Salvadora da cruz. A cruz é a força que salva. Lavando os pés, a Igreja emite esta força Salvadora no mundo. O significado se torna ainda mais claro quando Pedro diz a Jesus: “Tu nunca me lavarás os pés!”, mas Jesus respondeu: “Se eu não te lavar, não terás parte comigo” (Jo 13, 8). Se a Igreja não lavar os pés do mundo, o mundo não compreenderá jamais a cruz de Jesus Cristo. Compreende-se a cruz, servindo. Se isto é verdade para a Igreja em geral, quanto mais deve sê-lo para a Ordem Franciscana. Nós somos chamados a ser o humilde rosto da Igreja e os frades sacerdotes, de modo especial, têm um papel especial no revelar este aspeto.

A proposição 35 afirma que “o presbítero, na assembleia eucarística, age em nome de Cristo cabeça”. E o evangelho de São João 13,13 apresenta Jesus como cabeça, “o Mestre e Senhor”, que se inclina e lava os pés dos outros. Como Jesus mesmo disse no Evangelho de São João, ele é ainda mais cabeça da Igreja quando lava os pés. Neste Evangelho as imagens são muito importantes. Jesus se levanta da mesa e se despe. Esta atitude simboliza o despojar-se de todos os sinais de privilégio e de poder que domina. Do mesmo modo, nós devemos nos despojar de tudo o que indica privilégio e poder e domínio clerical para apresentar ao mundo o rosto do serviço sacerdotal. Esta foi exatamente a opção dos primeiros sacerdotes companheiros de Francisco. Eles renunciaram livremente a todo exercício do ministério sacerdotal que não era compatível com a vocação de ser menores. Por quê? Porque eles eram o rosto do sacerdote que serve. Eles se viam como sacerdotes que tinham uma especial vocação a lavar os pés dos leprosos.

Sacerdotes-frades e sacerdotes-servidores: estas duas dimensões essenciais do ministério sacerdotal franciscano foram o centro das considerações do nosso irmão e bispo, Sean O’Malley, quando foi empossado arcebispo de Boston. Naquela ocasião observou: “Ser frei franciscano é ainda a grande alegria da minha vida... Como o vosso arcebispo sou vosso



pastor; como frei, sou vosso irmão; e vim para vos servir, lavar os vossos pés, como disse Jesus e, para repetir o grande mandamento: Amai-vos uns aos outros como Cristo vos ama”.

## Conclusão

5.1 “Onde está o rei dos judeus, que acaba de nascer? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo” (Mt 2,2). Os Magos foram movidos pela convicção de que Deus estava criando uma nova espécie de presença em nosso mundo com uma nova força que salva. E se puseram a caminho para descobrir esta nova revelação. Em uma das suas homilias para a Jornada Mundial da Juventude em Colônia, o papa Bento XVI ressaltou como a viagem dos Magos foi também uma viagem em direção de um novo conhecimento do poder de Deus. Este poder é descrito por São Paulo: “conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo: de rico que era, tornou-se pobre por causa de vós, para que vos torneis ricos, por sua pobreza” (2 Cor 8,9). Primeiramente os Magos se dirigiram a Jerusalém, centro do poder hebraico civil e religioso. Mas a sua busca terminou na periferia, com a descoberta do novo poder que salva, na Divina Criança que repousava na manjedoura em Belém. O VII CPO nos recorda que Francisco teve a mesma experiência:

“O encontro com aquele homem [o leproso], abandonado e excluído da sociedade e do sistema do seu tempo, fez com que saísse do “século” e mudasse a sua condição social e a sua residência, emigrando do centro para

a periferia de Rivortorto e de Santa Maria dos Anjos” (VII CPO, 3).

Como para os Magos antes dele, a viagem de Francisco do centro à periferia foi um caminho no qual descobriu Cristo: “Francisco encontrou o fundamento da minoridade no Deus-Homem, no Cristo Crucificado de São Damião, passando porém através do leproso” (VII CPO, 3). E neste processo na vida de Francisco emergiu a força de Deus que se tornou presente em Jesus Cristo. A moderna peregrinação da Ordem rumo àqueles que estão na periferia deve inspirar-se na mesma fé que os Magos tiveram. Tenhamos a convicção de que Deus está fazendo surgir em nosso mundo uma nova força, a força que salva. Como os Magos, nós devemos “seguir sua estrela”, buscando a sua presença entre aqueles não são atingidos pela Igreja. Como para Francisco antes de nós, possa esta busca transformar a nossa vida em morada do Espírito de Jesus, de modo que a nossa Ordem, por sua vez, transforme o nosso mundo por meio da força de sua benignidade plena de amor.

Fraternalmente,

fr. John Corriveau  
Ministro Geral OFMCAp

Festa da Epifania de Nosso Senhor,  
6 de janeiro de 2006

